

Em Portugal Compensa Ser Licenciado

FRANCISCO MADELINO, Presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional — IEFP, em entrevista a EMPREGO E CARREIRAS, fala dos problemas do emprego e do desemprego, das opções dos jovens, da importância das licenciaturas, do abandono escolar e da estratégia a adoptar. "A melhor estratégia é por via da formação e do mercado de trabalho. É oferecer cursos de dupla certificação profissional e escolar, fazer com que as pessoas sintam que devem regressar ao ensino.", refere o Presidente do IEFP.

Qual a situação actual dos números do emprego?

Verifica-se uma redução clara da taxa de crescimento no mercado de emprego, em relação a 2003 e 2004. Isto deve-se a um grande salto do crescimento do desemprego a partir de 2002, que atinge, mais ou menos, a ordem das 150 mil pessoas.

A economia portuguesa sofreu um grande choque a partir de 2002, devido à entrada das economias de Leste na União Europeia e à concorrência da China e da Índia, incidindo essencialmente sobre sectores tradicionais da nossa economia. O primeiro impacto foi a subida acentuada do desemprego que, cremos, neste momento já foi absorvido pela economia portuguesa. No entanto, a situação actual, quer nacional, quer internacional, deixa-nos ainda alguma apreensão.

Porquê?

Por várias razões. Em primeiro lugar, pelo estado da própria economia internacional. Em segundo, porque os trabalhadores que estão a ficar desempregados são trabalhadores com

alguma idade e qualificação relativamente baixa. Estão sujeitos àquilo que nós designamos por empregabilidade baixa, isto é, são trabalhadores com uma grande dificuldade em voltar a entrar de novo no mercado de trabalho. Há um choque geracional na sociedade portuguesa entre as pessoas que têm mais de 35-40 anos - que têm qualificações muito baixas - e as novas gerações. E isto apesar do acentuado abandono escolar, o qual começa a ser mais forte logo a partir do 9.º ano de escolaridade.

Quais as percentagens entre Portugal e a Europa neste aspecto do abandono escolar?

Cerca de 40% dos jovens com menos de 25 anos em Portugal têm apenas o 9.º ano de escolaridade, enquanto a média europeia situa-se entre os 18-20%. O objectivo da Estratégia de Lisboa é que esse valor se situasse nos 10% em 2010.

Isto também tem a ver com o ponto de vista cultural português e com os níveis de Ensino Superior, onde houve uma grande recuperação nos últimos



"Apesar de tudo, o segmento dos licenciados tem taxas de entrada no mercado de trabalho mais rápidas do que outros tipos de formação escolar, sendo Portugal o país da Europa onde mais compensa ser licenciado. Aliás, há segmentos onde há falta de mão-de-obra, como sejam a Engenharia Civil ou Engenharia ligada às telecomunicações."

anos, embora ainda longe dos valores europeus. A excepção são os jovens, onde já se começa a verificar uma grande aproximação. No Secundário superior continuamos a ter valores relativamente baixos, apesar da recuperação que o país teve nos últimos anos.

Isso tem a ver com os números do desemprego?

Sim. Entre 2002 e 2004 houve um aumento brutal do desemprego em Portugal. A taxa de crescimento nestes dois anos, em relação aos anos anteriores, foi de 37% de aumento - as tais 150 mil pessoas. Do ano passado para este, a taxa de crescimento do desemprego andarà entre os 3-4%, portanto,

cerca de 20 mil pessoas. E os últimos meses, face aos meses anteriores, têm tido reduções.

Se olharmos para os dados trimestrais, verificamos que há um grande impacto na economia portuguesa em 2002. Muitos sectores não aguentaram esta situação, e ainda continuam a haver ondas colaterais de alguns sectores que não aguentaram.

Quantos desempregados temos? Há diferenciações regionais?

Pelos dados do INE são 400 mil pessoas desempregadas, mas inscritos são 460 mil. São índices demasiado pesados face às condições sócio-económicas de Portugal.

O impacto em termos regionais é diferenciado. A região Norte está a ter uma grande subida da taxa do desemprego, mas na região de Lisboa está a baixar. O Norte tem mais de metade dos desempregados do país, com 211 mil pessoas registadas. Braga tem sido o distrito mais atingido: são homens e mulheres que laboram nos sectores do trabalho intensivo e que têm mais de 45 anos e habilitações baixas.

E em Lisboa?

O emprego na região de Lisboa cresce através dos serviços. Há, portanto, uma redução do desemprego na região de Lisboa e Vale do Tejo.

Resumindo: a contextualização do mercado de trabalho é a de uma redução da taxa de crescimento do emprego, impactos regionais assimétricos e alguns sinais de abrandamento do crescimento do desemprego. Mas há que haver alguma prudência na abordagem e análise dos números do desemprego. Numa sociedade como a portuguesa, com níveis de rendimento per capita bastante baixos em relação à União Europeia, não podemos ficar descansados tendo em conta estes índices de desemprego.

A relação Litoral-Interior. Há alguma diferença acentuada dos números do desemprego?

A questão não será tanto Litoral-Interior. O que há são bolsas de concentração de sectores de trabalho intensivo, - a região de Braga com o têxtil, as regiões do calçado e a cerâmica nas Caldas da Rainha, por exemplo - onde a massa salarial era a vantagem competitiva fundamental. Com a glo-



balização e a entrada de novos parceiros no comércio internacional, com salários relativamente mais baixos que os praticados em Portugal, esses sectores não aguentaram a concorrência internacional. A economia entrou em reconversão.

Há sectores que estão a reagir bem, como, por exemplo, a região de Póvoa de Lanhoso, no distrito de Braga. Pessoas que eram subcontratadas por empresas onde o factor custo de trabalho era mais barato, passaram a fazer o up-grading para outros segmentos onde conseguiram entrar. Mas há muitas que não conseguem.

Portugal tem estado a tentar captar investimentos, nomeadamente na área dos serviços partilhados, com multinacionais onde a relação qualificação-custo pode ser favorável ao nosso país. É o caso da Solvey, pela relação salário-custo para empregos relativamente qualificados, ao nível da contabilidade e de toda a logística da empresa. Especialmente na zona de Lisboa, Portugal é atractivo ao nível da rede digital, com um bom funcionamento das telecomunicações e da informática. Acresce ainda o facto de termos facilidade em falar inglês e termos percepção do espanhol. Mas, apesar dos sinais positivos, o saldo ainda é negativo.

Qual a influência da economia internacional na economia portuguesa?

A economia internacional está nu-

“Portugal tem estado a tentar captar investimentos, nomeadamente na área dos serviços partilhados, com multinacionais onde a relação qualificação-custo pode ser favorável ao nosso país. É o caso da Solvey, pela relação salário-custo para empregos relativamente qualificados, ao nível da contabilidade e de toda a logística da empresa.”

ma turbulência tal, que a ideia é que Portugal está sempre sujeito a um grande choque quando se fala em reconversão sectorial. Porque falar-se em reconversão - e este é que é o dilema - é dizer: eu tenho 5 milhões de pessoas activas, entram no mercado de trabalho, em média, por ano 100 mil, portanto o stock são 5 milhões e o fluxo são 100 mil. Para que o stock seja renovado são necessários cerca de 50 anos, portanto, como é que eu, com estas pessoas - das quais 80% têm menos do 9.º ano de escolaridade -, consigo fazer passar de uma estrutura sectorial para outra? A economia não aumenta os índices de produtividade se não tiver reconversões sectoriais. Como faço essa reconversão com uma quantidade significativa de recursos humanos do país, basicamente constituída por uma população e uma mão-de-obra que não se altera nem dela se pode abdicar?

Este é o dilema que Portugal está a atravessar e eu diria que o grande impacto já aconteceu, não é uma realidade

de nova, acho que o grande impacto foi de facto 2002-2004.

Falou nos jovens que abandonam os estudos com o 9.º ano de escolaridade. O que se pode fazer para evitar isso?

Acho que Portugal deverá ter uma política permanente de recuperação dessas pessoas para qualificações e competências básicas para o funcionamento da sociedade de hoje, nomeadamente colocando o padrão ao nível do 12.º ano, o chamado Ensino Secundário superior.

Aliás, Bruxelas tinha uma estratégia para Lisboa, cujo objectivo era que 85% dos jovens com 22 anos tivessem pelo menos o 12.º ano. É esse um dos pilares da Estratégia de Lisboa para 2010. Portugal neste momento tem 40-45% de jovens nessa situação, enquanto a União Europeia andará nos 65%-70%, em termos médios.

Que estratégia deverá o país adoptar?

A melhor estratégia é por via da formação e do mercado de trabalho. É o fe-

recer cursos de dupla certificação profissional e escolar, fazer com que as pessoas sintam que devem regressar ao ensino. Mas como é muito difícil fazer as pessoas regressar à escola pública, há um conjunto de ofertas, como por exemplo os cursos de aprendizagem, já frequentados por cerca de 30 mil pessoas. Os cursos de formação e educação para jovens são cursos de dupla certificação.

O abandono escolar é um fenómeno que incide mais no Norte do país, porque há tradicionalmente situações sociais e económicas que levam a uma estratégia de maximização do rendimento familiar. No Norte há uma lógica económica da família. Já nos países anglo-saxónicos, há uma maior independência dos indivíduos a partir dos 18 anos.

O Norte de Portugal caracteriza-se por ter mais empresas de trabalho intensivo onde se arranjavam empregos de qualificações baixas com facilidade, portanto a economia também não ajudava muito a incentivar a formação dos indivíduos. Tem sido mais fácil ter emprego não tendo qualificações, do que muitas vezes ter emprego em determinadas formações.

Isto criou a ilusão de que a escolaridade não seria o factor fundamental, o que torna muito difícil a actuação das políticas públicas. Todos os estudos indicam que, quando não se tem uma boa formação inicial, não se procura formação contínua. Este facto cria assimetrias sociais: as pessoas quanto mais formação têm, mais formação procuram. É muito difícil voltar a trazer para a escola pessoas com baixa qualificação.

Neste momento há uma proliferação de jovens licenciados à procura de emprego. Como é possível esse desfasamento entre a oferta de cursos superiores e as necessidades da sociedade e do mercado de trabalho?

Acho que há que elogiar as famílias portuguesas, nomeadamente as famílias de menores posses, porque nos últimos anos fizeram um esforço enorme, algumas quase titânico, para que os seus filhos fossem à escola, para que tivessem uma formação.

Creio que há várias razões. O mercado tem uma oferta e uma procura - num

Profissões operárias especializadas não são para falhados



lado estão as empresas e no outro as famílias. Muitas vezes pode-se dizer que a formação avança mais rapidamente que as necessidades do mercado de trabalho. Vamos imaginar que a economia se tinha modernizado, com grandes níveis de produtividade aproximados às principais economias europeias. Provavelmente os recursos humanos qualificados até seriam de menos... Como havia uma grande escassez de licenciados há 20, 30 anos atrás, Portugal é o país da Europa onde o recém-licenciado é melhor remunerado, onde o investimento, apesar de tudo, é mais seguro, criando-se a ideia que uma licenciatura é sinal automático de obter uma remuneração elevada.

Nos outros países não é assim?

Nos outros países a realidade não é essa. Em Portugal encontram-se recém-licenciados em profissões operárias porque houve uma generalização dos próprios licenciados. A conjugação da escassez da oferta de trabalhadores com formação superior, aliada à expectativa dos jovens de obterem mais dividendos profissionais com essa formação, deu origem a uma proliferação de cursos no Ensino Superior que as pessoas escolhiam sem terem em conta se viriam a ter emprego ou não - pensava-se que ter uma licenciatura era uma garantia de rentabilidade. Neste momento já está a haver alguma racionalidade, inclusivamente recuperando o papel que deve ter o Ensino Profissional. A oferta nas universidades e a racionalidade da procura estão a adaptar-se rapidamente, mas o que está para trás produziu um desfazamento entre a oferta e as necessidades do mercado de trabalho.

Qual o papel das famílias?

Muitas famílias já perceberam que por vezes os filhos não terão um percurso para a Universidade na sua própria formação, mas que, como acontece nos países europeus, poderão ser técnicos qualificados. Às vezes com níveis de remuneração superiores em relação àqueles que optam pela Universidade. Na Europa encontramos operários altamente qualificados. Na Alemanha, por exemplo, é uma situação normal.

Nas escolas profissionais em Portu-

"Como é muito difícil fazer as pessoas regressar à escola pública, há um conjunto de ofertas, como por exemplo os cursos de aprendizagem, já frequentados por cerca de 30 mil pessoas. Os cursos de formação e educação para jovens são cursos de dupla certificação."

gal, a procura é muito superior à oferta. Há alguns anos atrás estas escolas eram vistas como um sistema para os falhados no Ensino Secundário, mas em termos europeus a realidade não é essa - as profissões operárias altamente especializadas não são para falha-

ria Civil ou Engenharia ligada às telecomunicações.

Estamos longe de dizer que há uma abundância de quadros, mas também os que têm o 12.º ano e uma formação de 3.000 horas de Nível 4, de elevada especialização tecnológica, continuam a ter uma empregabilidade relativamente elevada. A maior dificuldade para arranjar emprego é exactamente nas áreas das Ciências Sociais.

É errado pensar que ser licenciado é uma coisa que já não vale a pena porque já não há mercado de trabalho. O país vai-se adaptando cada vez mais a esta situação dos países modernos. Temos que dar uma margem de oportunidade de escolha às pessoas, e em sociedades livres e democráticas o ideal era que todos tivessem a mesma igualdade de oportunidades.

Como em sociedades democráticas e desenvolvidas cada vez há mais essa igualdade, encontramos menos licenciados a trabalhar em profissões que eram teoricamente para licenciados porque estamos a falar em margens em que 50% ou mais dos jovens acabam o Ensino Superior.

O que tem que mudar nos jovens em relação ao emprego e às carreiras?

Por um lado, não é verdade que as pessoas dantes tinham mais segurança no trabalho. Há 40 anos, 40% da população portuguesa trabalhava na agricultura e eram pagos ao dia, pelo que não havia nenhuma segurança. Em contrapartida, apesar de ignorarmos com exactidão a quantidade de trabalhadores nessas condições, a duração média dos contratos de trabalho de hoje é superior ao que era há 20 ou 30 anos atrás. Com a globalização e a tentativa das empresas de encontrarem formas para resolver os problemas daquilo que, muitas vezes, não é mais do que falta de flexibilidade das estruturas laborais, se assim se pode chamar, cria-se uma sensação de insegurança. No entanto esta dinâmica do mercado de trabalho também tem permitido que os níveis de remuneração dos jovens sejam superiores.

Entrevista de Rui Filipe Ramos